

HISTÓRIA DOS ESPORTES NA FRANÇA E NA GRÃ-BRETANHA: AGENDAS NACIONAIS E PERSPECTIVAS EUROPEIAS¹

Paul Dietschy²

Universidade de Franche-Comté

Besançon, França

paul.dietschy@wanadoo.fr

Richard Holt³

Universidade De Montfort

Leicester, Grã-Bretanha

rholdt@dmu.ac.uk

Resumo

Pouco se fez em termos de história comparada dos esportes britânico e francês. Neste artigo, comparamos as historiografias do esporte em cada país, sublinhando os temas que atraíram maior atenção em cada caso, e refletimos sobre as implicações mais amplas para a escrita de uma história do esporte na Europa. No caso da Grã-Bretanha e da França, isto significa focar temas-chave gerais, como classe, identidade e imperialismo, do lado britânico; e educação, militarismo e religião, do francês.

Palavras-Chave: historiografia; história do esporte; história nacional; história europeia.

Abstract

Sports History in France and Britain: National Agendas and European Perspectives

Very little comparative history of British and French sport has been done. This article compares the historiographies of sport in each country, underlining the themes that have attracted the most attention in each case, and reflects on the wider implications of this for writing a history of sport in Europe. In the case of Britain and France this means focusing on key general themes such as class, identity and imperialism on the

¹ Tradução inédita em português. Original em inglês publicado no *Journal of Sport History*, volume 37, número 1, 2010, p. 83-98. Traduzido com autorização dos autores e do *JSH*. Com esta tradução, *Recorde* busca contribuir para a divulgação, em língua portuguesa, de artigos relevantes da produção acadêmica em inglês na área de História do Esporte. (Nota do editor)

² Laboratório de Ciências Históricas.

³ Centro Internacional para a Cultura e História do Esporte.

British side and education, militarism, and religion on the French.

Keywords: historiography; sport history; national history; European history.

De que maneira o nascimento do esporte moderno pode ser visto como parte de um processo mais amplo de mudança histórica? Este problema é particularmente agudo quando se olha para a Europa, onde se desenvolveu grande parte do esporte moderno. Por que, após mais de 30 anos de pesquisa, não há sequer um trabalho de fôlego de síntese historiográfica do desenvolvimento do esporte na Europa? Para começar a responder esta questão, é preciso ter em conta as diferenças marcantes de tópicos, temas e métodos que moldaram a escrita da história do esporte. Hoje existe literatura substancial e séria lidando com as diferentes histórias do esporte na Europa, em oposição à ideia mais unitária de “esporte europeu” incentivada pela União Europeia. Mas a vasta maioria destes trabalhos tem uma pauta e foco majoritariamente local, regional ou nacional. Sabemos muito sobre nossos próprios países, mas pouquíssimo sobre nossos vizinhos. Essa “visão restrita” na pesquisa do esporte dificulta bastante a tarefa de realizar generalizações amplas em escala europeia.

O foco estreito na nação, comum na maioria das áreas da História, torna-se particularmente irônico no caso do esporte. Um esporte essencialmente moderno como o futebol tem as mesmas regras e até a mesma entidade reguladora em todo o continente (UEFA). Pode-se argumentar que ele foi moldado pelas mesmas forças econômicas e sociais, mas isso não se reflete em sua historiografia. Dada essa tradição de particularismo nacional, a base comum para o crescimento do esporte moderno, embora familiar, permite pouca repetição. Isso envolve a transição das formas tradicionais às modernas, que, por sua vez, estão relacionadas às mudanças nos padrões de trabalho, espaço e tempo. Esportes “tradicionais” para camponeses e artesãos foram substituídos por esportes “modernos”, desenhados inicialmente para os contingentes crescentes das classes médias urbanas, que

trabalhavam cada vez mais em postos sedentários nos escritórios. Esses jogos coletivos codificados se espalharam rapidamente entre os trabalhadores fabris, para os quais as novas condições sociais criaram uma demanda por atividades esportivas e entretenimento de duração limitada, disponível em espaços fechados. A partir das cidades, os esportes modernos – futebol, rugby, tênis, hóquei, atletismo, ciclismo e handebol – se espalharam com rapidez para cidades menores e áreas rurais, expulsando os jogos tradicionais e, cada vez mais, tomando o lugar das formas ginásticas de cultura física desenvolvidas na Suécia e na Alemanha no século XIX. Essa emergente cultura esportiva de massa foi reforçada e explorada tanto pelos regimes fascistas e comunistas do entreguerras quanto nas democracias liberais com fortes tradições de associação voluntária.

Essa abordagem oferece um modelo potencial para um estudo transnacional do esporte na Europa. Por que isto não ocorreu? O projeto intelectual de ligar trabalho e lazer na sociedade industrial, presente nos primórdios da história do esporte na Grã-Bretanha, prometia precisamente isto. Tal interesse no lazer emergira de uma visão crescentemente antropológica de “cultura”, assim como da influência da forma “base/estrutura” do materialismo histórico, modismos na “história social” nos anos 1960 e 1970.⁴ Nos anos 1980 e 1990, essa perspectiva “materialista histórica” definiu sob o impacto da história de gênero e pós-colonial e da preocupação crescente com linguagem e identidade.⁵ O projeto nascente de relacionar trabalho e lazer, que marcou os bons tempos da história social, foi abandonado, e a ligação entre esporte e lazer, perdida. Essas tendências “pós-modernas” foram particularmente notáveis entre os pesquisadores anglófonos. De positivo, elas trouxeram uma nova dimensão “cultural” para a história “social”. Negativamente, a possibilidade de

⁴ A edição especial sobre lazer de *Past and Present* estabeleceu boa parte da agenda, notadamente o ensaio muito citado de Keith Thomas (1964). O período pré-industrial foi mais observado pelos acadêmicos. Ver especialmente Burke (1995) e também Marfany e Burke (1997).

⁵ Para uma análise anterior da relação entre esta abordagem e os trabalhos com base em classe, ver Hill (1996).

generalizações mais amplas se enfraqueceu, embora existam sinais recentes de um interesse renovado na “história do lazer” e no lugar do esporte em seu interior.⁶

Com isto em mente, é útil olhar a Grã-Bretanha e a França: duas nações europeias que compartilharam pontos de contato esportivos, mas permaneceram profundamente diferentes, em muitos aspectos. Como essas histórias do esporte diferem entre si, e por quê? Que áreas de investigação se desenvolveram plenamente, e quais foram negligenciadas? Como isto pode subsidiar o projeto de escrita de uma história do esporte na Europa? Em mais de 30 anos de trabalho acadêmico sobre história do esporte na Grã-Bretanha e na França, o objeto evoluiu tremendamente. A amplitude do material é agora extensa, mas também altamente distintiva. Apenas uma pequena quantidade foi traduzida, tanto do francês para o inglês quanto do inglês para o francês. A história do esporte britânica não é muito estudada nas universidades francesas, e o esporte francês é negligenciado de forma similar na Grã-Bretanha. Mesmo no nível da pesquisa acadêmica, onde se poderia esperar maior intercâmbio, sabemos relativamente pouco sobre o que o outro andou fazendo. Georges Vigarello, por exemplo, o historiador do esporte mais inovador na França, é relativamente desconhecido da maioria dos anglófonos. As editoras enchem suas listas com livros novos, que podem ser desovados com facilidade e vendidos lucrativamente para bibliotecas, e se omitem quanto à tradução de trabalhos extraordinários – vem à nossa mente o estudo de Christiane Eisenberg sobre o esporte alemão. Os conselhos de pesquisa, que deveriam conhecer melhor o cenário e não se orientam pelo lucro, também são responsáveis, preferindo gastar largas somas em novas pesquisas, sem disponibilizar a custo relativamente baixo o que já tem excelência comprovada. Por estes motivos, a história do esporte francesa está fechada para os anglófonos que não dominam o francês; os acadêmicos franceses normalmente têm um bom

⁶ Para uma importante nova síntese, com um escopo cronológico impressionante, ver Borsay (2007).

conhecimento de inglês, mas os principais trabalhos de história do esporte britânicos e norte-americanos são pouco conhecidos e discutidos na França. Portanto, pouco se fez em termos de história comparada do esporte britânico e francês.⁷ É claro que não podemos realizar uma história comparada do esporte na França e na Grã-Bretanha no espaço de um artigo, e este não é nosso propósito. O melhor que podemos fazer é comparar as historiografias do esporte em cada país, sublinhando os temas que atraíram maior atenção em cada caso, e refletir sobre as implicações mais amplas disto para a escrita de uma história do esporte na Europa.

No caso da Grã-Bretanha e da França, isto significa focar temas-chave gerais, como classe, identidade e imperialismo, do lado britânico; e educação, militarismo e religião, do francês. Em cada uma destas áreas, o papel distinto do Estado na Grã-Bretanha e na França logo vem à tona. O governo britânico e suas instituições relutaram em se envolver com o que era visto como uma atividade voluntária da sociedade civil, ao passo que o Estado francês, com suas tradições mais fortes de padronização e centralização, adotou uma posição mais pragmática e intervencionista. Com algumas exceções sociológicas importantes – Eric Dunning, John Hargreaves, Jennifer Hargreaves, Alan Tomlinson, por exemplo –, historiadores sociais e culturais vêm fomentando o objeto nos últimos 30 anos na Grã-Bretanha, ao passo que, na França, o mundo acadêmico da educação física gerou o grosso da investigação.

Questões de pesquisa britânicas

Então, o que foi feito?⁸ Olhando primeiro para a Grã-Bretanha, a história do esporte tem sido notavelmente forte em jogos de bola de inverno e entretenimento para os homens da

⁷ Por exemplo, Holt (1995).

⁸ Este artigo é a primeira revisão substancial dos trabalhos recentes franceses de história do esporte em inglês; para a Grã-Bretanha, ver Holt (1996) e também Johnes (2008); para uma estimulante perspectiva transatlântica, ver Riess (1994).

classe trabalhadora. O estudo de classe social, avassaladoramente urbana e dominada por homens, tem sido o cerne dos trabalhos britânicos sobre esporte. Compreensivelmente, houve uma concentração nas origens das formas modernas de futebol na Inglaterra do final do século XIX e no início do XX, com estudos relevantes sobre o futebol nacional realizados por Tony Mason (1980), Dave Russell (1997) e Matthew Taylor (2005), entre muitos outros. Apesar de sua posição histórica como o jogo nacional britânico, o críquete atraiu menos pesquisa séria que o futebol. Houve uma preferência pelo trabalho com a estrutura e a cultura do esporte da classe trabalhadora, que deriva das tradições maiores de influência marxista da história social, associadas a figuras como Christopher Hill, E.P. Thompson e Eric Hobsbawm.

Esse viés de classe trabalhadora levou a grande concentração nas cidades industriais do norte da Inglaterra, em detrimento do sul, especialmente Londres, que foi surpreendentemente negligenciada.⁹ Além do futebol profissional e da especulação sobre até que ponto os times se tornaram símbolos de novos tipos de comunidade urbana, o valoroso trabalho de Tony Collins (1998) e outros explicou como o jogo de rugby se dividiu pelas linhas de classe.¹⁰ Os amadores das escolas públicas do sul dominaram a Rugby Football Union; os trabalhadores e pequenos homens de negócio, que viam futuro no esporte profissional, se separaram em 1895 para formar o que depois se tornaria a Rugby League. Wray Vamplew (1988) realizou um trabalho pioneiro sobre ganhos efetivos dos profissionais de futebol, críquete e turfe, estimulando estudos posteriores até se formar o que, hoje, é um conjunto significativo de trabalhos sobre o esporte profissional da classe operária (HOLT, 1991).

Esse conjunto de pesquisas sobre a cultura da classe operária, muito focado na provisão de esporte para os espectadores, e não nas formas populares de participação, foi

⁹ Korr (1986) é uma exceção importante. Para a pesquisa mais recente, ver “Sport in London”, editado por Matthew Taylor no *The London Journal*, n. 34, jul. 2009.

¹⁰ Ver também Collins (2006).

enriquecido por vários historiadores insígnies do *mainstream*, notadamente Ross McKibbin (1998), cujo trabalho sobre apostas e *hobbies* ajustou-se perfeitamente ao quadro emergente de uma cultura autocontrolada e coerente de trabalhadores majoritariamente especializados e sindicalizados. A influente síntese de McKibbin, *Classes and Cultures*, é uma pesquisa abrangente sobre a sociedade britânica entre 1918 e 1951, que confere ao esporte um papel importante na criação de culturas de classe distintas. Este tema foi pinçado em pesquisas recentes importantes de historiadores de ponta como David Kynaston e Peter Hennessy.¹¹

A proposição de que o esporte havia operado como uma forma de “controle social” foi amplamente debatida nos anos 1970 e 1980, especialmente no trabalho do finado Stephen Jones (1988). Aqui havia uma ligação clara entre História e Sociologia, notadamente através do trabalho de John Hargreaves, que, em *Sport, Power and Culture* (1986), tentou elaborar um panorama do esporte britânico a partir de uma perspectiva neomarxista. Esse trabalho era esquemático e teórico demais para ser influente entre os historiadores sociais trabalhando nas diferentes culturas de classe do esporte e perdeu-se a oportunidade de escrever uma história marxista do esporte britânico refinada e com nuances. Uma maneira – entre muitas – de pensar sobre a escrita da história ampla do esporte europeu seria tomar uma perspectiva de classe, examinando a emergência de culturas esportivas distintas, de elite e populares – ou, mais estreitamente, “proletária” e “burguesa” –, pela Europa. Embora isto possa parecer datado nos termos das tendências pós-modernas na historiografia, talvez necessitemos revisitar pesquisas anteriores e reconsiderar suas possibilidades. Claramente há dificuldades tanto na relação com as complexas estruturas de classe dos diferentes Estados quanto na maneira como esta abordagem “instrumental” reduz o vasto conjunto de práticas corporais que chamamos “esporte” a uma forma padronizada de competição “burguesa”.

¹¹ Ver McKibbin (1991) para ensaios sobre *hobbies* e apostas.

Classe é, inegavelmente, um tema poderoso no esporte europeu, e encontrar uma forma sensível de usá-lo para cruzar fronteiras nacionais seria uma grande contribuição. Tal abordagem poderia começar com uma investigação sobre o esporte europeu da perspectiva de dicotomia entre uma classe superior e o campesinato em torno dos esportes equestres e tradicionais e avançar para a cultura burguesa dos “esportes ingleses” lado a lado com a tradição ginástica mais populista, que, por sua vez, é minada pelo sucesso do futebol e do boxe como esportes da classe trabalhadora nos anos 1920. Grupos com ocupações semelhantes adotam padrões similares de atividade esportiva através da Europa? Vêm à mente os mineiros, com seu amor pelo futebol e pelas corridas de pombo (METCALFE, 2005; JHONES, 2007). A recente e amplamente documentada tese de doutorado de Marion Fontaine (2006), sobre mineiros e políticas socialistas para o futebol no norte da França, focando na prática e na torcida do futebol entre os “bocas pretas” de Lens antes da Segunda Guerra Mundial, mostra as ricas possibilidades para uma história cultural cruzando esporte e políticas da classe trabalhadora. Entretanto, também seria interessante olhar para os trabalhadores não-manuais: escriturários ou professores, na classe média-baixa, e advogados ou médicos, na burguesia. Por todas as dificuldades desta tarefa – a falta de estudos primários adequados é a mais óbvia –, as culturas esportivas de classe, tal como desenvolvidas no caso britânico, fornecem um caminho para se chegar a um panorama europeu mais coerente.

É impressionante que o tema classe, que tem sido tão forte na pesquisa britânica sobre esporte, seja relativamente limitado na França, apesar da importância do pensamento marxista na vida intelectual francesa. Alfred Wahl (1989) tentou situar o desenvolvimento dos esportes dentro das configurações da França na era industrial, num livro que combina citação de fontes e comentários historiográficos. Ele rastreou o estranho progresso da bola redonda na França, a partir dos conflitos religiosos que levaram aos confrontos entre os torcedores seculares do

rugby¹² e os defensores religiosos do futebol¹³, e concluiu com o desenvolvimento do profissionalismo a partir de 1932. O futebol francês nunca foi tão de classe trabalhadora quanto o britânico. Apesar de sua popularidade, “le football” (o termo inglês se manteve) nunca despertou as mesmas paixões que na Itália e em outros países “latinos” até os anos 1990. Em colaboração, Wahl e Pierre Lanfranchi (1995) produziram uma história social dos jogadores profissionais franceses, um grupo que teve dificuldades para obter o reconhecimento público amplo de seus equivalentes britânicos, e que continha uma grande proporção de imigrantes. O interesse francês recente na história do futebol tem sido mais evidente em pesquisas fora da França, notadamente na Itália. Futebol e fascismo em Turim foi o tema de doutorado de Paul Dietschy (1997); Daphné Bolz (2008) analisou a arquitetura do esporte fascista na Itália e na Alemanha; e o confronto entre os democratas cristãos e o Partido Comunista no esporte do pós-guerra foi o tema da tese de Fabien Archambault (2007). Fora da Itália, a Inglaterra e o Manchester United foram estudados por Claude Boli (2004); Xavier Breuil (2007) analisou recentemente o futebol feminino e, mais importante, inseriu-o no quadro europeu mais amplo.

O rugby foi bem coberto na França, mas as divisões e culturas de classe em torno do esporte, que dominaram a maior parte dos escritos britânicos sobre a modalidade, foram menos aparentes nos trabalhos franceses. A cultura do amadorismo tendeu a ser subsumida sob a bandeira de seu maior defensor, Pierre de Coubertin, em vez de um objeto de estudo em si.¹⁴ Apesar de todo o interesse pelo triunfo do tênis francês nos anos 1920, com Suzanne Lenglen e o sucesso dos “Quatro Mosqueteiros” na Copa Davis, a história do esporte burguês em si foi negligenciada, ao passo que a classe alta – de forma alguma um grupo popular na

¹² *Football rugby* no original (Nota do Editor).

¹³ *Association football* no original (N.E.).

¹⁴ Patrick Clastres está trabalhando numa extensa análise da vida e da obra de Pierre de Coubertin, sobre a qual já publicou numerosos artigos, notadamente “Inventer une élite” (2005).

França Republicana – foi, previsivelmente, posta de lado.¹⁵ Essa tendência acabou jogando o “amadorismo”, ideia-chave unificadora do esporte britânico entre meados do século XIX e do seguinte, para as margens do debate. Na história do esporte na França, o amadorismo tende a ser ligado à ideia de olimpismo, a despeito do papel da Union des Sociétés Françaises des Sports Athlétiques, organização guarda-chuva amadora que dominou o esporte francês de 1889 a 1920. Por extensão, as definições cambiantes e o impacto dos ideais amadores através da Europa parecem um tema promissor para a história do esporte europeu.

Identidade é o segundo tema que atraiu interesse significativo dos historiadores britânicos do esporte. Aqui a identidade toma a forma de identidades cívicas locais e o papel cultural do esporte nas nações que constituem o Reino Unido. Novamente, o contraste com a França é notável. Tais temas pouco participam da história da “una e indivisível” República Francesa. O País de Gales é um excelente exemplo de como o esporte e o nacionalismo cultural caminham lado a lado. *Fields of Praise*, de David Smith e Gareth Williams (1980), estabeleceu um padrão notável para o estudo do rugby como uma peça-chave na cultura nacional galesa. Martin Johnes (2002, 2005), inicialmente influenciado pelo tema “classe”, produziu um importante estudo sobre o futebol no sul do País de Gales, mas, desde então, escreveu uma história concisa do esporte no País de Gales que examina bem a forma pela qual esporte e nacionalismo se aglutinam no cenário do Reino Unido. Na Escócia, a identidade nacional no esporte tem sido observada pelas lentes das divisões religiosas sectárias que derivam da imigração em larga escala de católicos irlandeses, que cortam transversalmente a identidade coletiva.¹⁶ Isto, claro, se reflete no caso irlandês, com protestantismo e nacionalismo católico no Ulster. A história do esporte irlandesa – no norte e no sul – está saturada da política de nacionalismo irlandês, com seu notável e característico

¹⁵ Sobre a história do tênis na França, ver a síntese das novas pesquisas em Clastres e Dietschy (2009).

¹⁶ Por exemplo, Jarvie e Walker (1994).

sistema de esportes de massa, construído em torno da recuperação de jogos indígenas por meio da Gaelic Athletic Association (GAA), fundada em 1884 e atingindo proeminência nacional na virada do século (CRONIN, 1998).¹⁷ Por fim, há o nacionalismo inglês, que, após longo período como o parceiro silencioso na estrutura esportiva multinacional do Reino Unido, começou a atrair atenção, notadamente através do críquete (HILL, WILLIAMS, 1996; WILLIAMS, 1999; WILLIAMS, HUGGINS, 2006). A identidade inglesa, contudo, permanece relativamente inexplorada no esporte, assim como o papel do esporte na identidade de Estado-nação mais ampla da Grã-Bretanha ou do Reino Unido.

Com exceção dos catalães, dos flamengos e dos tchecos, as subculturas nacionalistas não parecem obter destaque na história do esporte europeia, ainda que faltem levantamentos específicos (SMITH, PORTER, 2004). Os Estados europeus não foram subdivididos constitucionalmente à maneira britânica. Na França, a linha oposta de argumentação prevalece, com o esporte mobilizado para promover uma identidade nacional comum. O papel integrador da Volta da França é um ótimo exemplo (VIGARELLO, 1992).¹⁸ É verdade que os estudos sobre rugby têm se interessado bastante por sua concentração regional no Languedoc, mas, a partir de uma perspectiva esportiva, há relativamente pouco sobre, por exemplo, a identidade da Bretanha ou da Provença face ao aparentemente inexorável poder padronizador e controlador de Paris.

Um terceiro elemento na agenda historiográfica do esporte na Grã-Bretanha é o imperialismo e, em particular, a difusão do críquete e do rugby. Contudo, a maneira pela qual isto tem sido estudado é restritiva e unilateral, ressaltando o papel dos colonizadores brancos ou das elites governantes educadas nas escolas públicas, em vez da resposta complexa dos

¹⁷ Mike Cronin é o diretor do projeto para a história pública da GAA, 2008-2010.

¹⁸ Mais recentemente, ver também Boeuf e Leonard (2003); para uma importante nova história da Volta em inglês, ver Thompson (2006).

colonizados e governados a estas imposições culturais.¹⁹ A história do esporte tem obtido muito sucesso como tema na Austrália, que produziu uma rica literatura própria, enfatizando a complexa relação “amor/ódio” que estimulou ligações próximas no âmbito cultural e da Commonwealth, ao passo que proporciona rivalidades esportivas ferozes e contínuas, especialmente no críquete. O críquete indiano hoje é líder no mundo, mas suas origens no Raj Britânico não foram bem compreendidas até recentemente, com o melhor panorama vindo de um distinto historiador indiano, e não de dentro do campo da história do esporte (GUHA, 2002). Os Jogos da Commonwealth, iniciados principalmente por iniciativa do Canadá, em 1930, permanecem um tópico rico que aguarda a atenção plena do mundo acadêmico da história imperial e da Commonwealth.

Portanto, por todo seu poder imperial e importância autoevidente, a diferença na cobertura do esporte nos impérios britânico e francês é menos notável do que se poderia esperar. Curiosamente, o melhor panorama do esporte no Império Britânico foi publicado recentemente por um antropólogo francês (DARBON, 2008). Na França, esporte e imperialismo têm sido menos importantes. Contudo, a questão imperial vem atraindo a atenção de jovens pesquisadores, por meio do papel das associações esportivas na cristalização da identidade africana durante os tempos coloniais e no período de independência (BANCEL, GAYMAN, 2002; DEVILLE-DANTHU, 1997). Essa questão também surgiu em trabalhos sobre o papel do esporte na integração social de imigrantes na França – um aspecto do objeto com implicações europeias mais amplas que está apenas começando a se desenvolver historicamente na Grã-Bretanha.²⁰

¹⁹ O extenso trabalho de J.A. Mangan sobre a transmissão do “atleticismo” das escolas públicas tem sido uma referência central, notadamente Mangan (1986).

²⁰ Ver notadamente a edição especial “Sport et immigration: parcours individuels, histoires collectives”, na revista *Migrance*, junho-dezembro de 2003.

Questões de pesquisa francesas

Os historiadores sociais da França demoraram um pouco mais que seus pares britânicos – ou norte-americanos – para apreciar as possibilidades da história do esporte. Isso é surpreendente, dada a reputação da França como líder na história econômica e social, que deriva do prestígio da Escola dos Annales. Foram historiadores anglófonos que mostraram um interesse precoce pelo esporte francês. Em sua abrangente *Oxford History of France*, traduzida como uma história das “paixões francesas”, Theodore Zeldin (1977) dedicou espaço ao gosto francês para os esportes, seja por meio de uma imprensa abundante e inovadora, por suas ligações com o mundo da literatura, pelo papel do Estado ou pelo combate político entre anticlericais e católicos. Essas páginas basearam-se nos artigos pioneiros sobre ginástica e esportes na França da “virada do século” publicados por Eugen Weber (1971), cujo interesse no esporte foi despertado por seu trabalho sobre o nacionalismo *fin-de-siècle* francês. O trabalho de Weber também influenciou a pesquisa de Richard Holt, que destacou o caráter distintivo do esporte francês na *belle époque* (c. 1890-1914), em termos da coexistência de padronização cultural e particularidade regional. No Languedoc, por exemplo, “você podia ir a uma tourada no verão ou a um jogo de rugby no inverno sem sair do povoado” (HOLT, 1981, p. 219). Os temas da diversidade regional e a subjacente força das tradições camponesas também eram evidentes na valiosa história geral do rugby francês de Philip Dine (1998).

Entre os historiadores do *mainstream* na França, houve pouco interesse na história do esporte, com exceção de Jean-Baptiste Duroselle (1979), que dedicou algumas páginas ao esporte em sua magistral pesquisa das relações exteriores da França durante os anos 1930, comentando que “todos os estudos históricos, embora ainda poucos, que foram feitos sobre a Volta da França ou a Copa do Mundo da França, indicam uma onda de paixão que é

inexplicável sem as profundas e duradouras forças do sentimento nacional” (p. 184). Onde a classe foi o fator explicativo-chave no esporte britânico, o nacionalismo, em diferentes modos, foi central para a interpretação histórica do esporte na França. Essa abordagem tocou em vários pontos no Estado, no exército e no sistema educacional. Duroselle orientou a enorme (1.500 páginas) tese de doutorado de Marcel Spivak (1983), defendida em 1983, sobre educação física, esporte e nacionalismo como um aspecto de defesa nacional de meados do século XIX aos anos 1930. Esta pesquisa, lamentavelmente nunca publicada, foca o esporte no exército e chega à conclusão de que a militarização da educação física à francesa foi um fracasso, mas a criação de uma cultura esportiva – fortemente marcada pelo nacionalismo e pela liderança estatal – foi um sucesso.

Contrastando abertamente com a Grã-Bretanha, a pesquisa sobre história do esporte tem sido feita majoritariamente pelos que trabalham na educação física nas universidades francesas, e esse grupo tende a tomar a relação entre Estado e sistema educacional como seu tema central. Isto começou com Jacques Thibault, que publicou em 1972 uma “história e estudo crítico” sobre a relação entre esportes e educação física (THIBAUT, 1979, p. 26-7). Thibault desejava sublinhar a importância nacional da educação física na França e explicar seu caráter distintivo. Ele queria apresentar evidências históricas para sustentar o valor da educação física, em oposição ao esporte, um viés que tem recebido pouca atenção. Seguindo esta concentração inicial no Estado e na escola, um substancial corpo de trabalhos históricos foi produzido nos anos 1980.

A figura-chave foi Pierre Arnaud (Lyon-I), ele mesmo ex-professor de educação física, que teve um papel extremamente ativo na pesquisa da relação entre militarismo, nacionalismo e ensino fundamental a partir dos anos 1880 (ARNAUD, 1991). Diferentemente de Jacques Thibault, Arnaud usou fontes primárias, notadamente garimpendo

os arquivos do movimento ginástico e trabalhando frutiferamente com o conceito de “sociabilidade”. O conceito foi buscado na obra do principal historiador sócio-político do republicanismo francês, Maurice Agulhon, para explicar o papel da “associação” no crescimento da ginástica, através dos clubes “de conscrição” do final do século XIX – por exemplo, associações de ginástica que consideravam sua tarefa central preparar jovens homens para o serviço militar obrigatório (ARNAUD, 1987). Construindo alianças com colegas em faculdades de história, Arnaud começou a pavimentar o terreno praticamente virgem da história do esporte. Ele organizou seminários internacionais sobre esporte e relações internacionais; “esporte do trabalhador” na Europa; esportes e cidade na França; e esporte sob o regime de Vichy (ARNAUD, WAHL, 1994; ARNAUD, 1994; VIVIER e LOUDCHER, 1998; ARNAUD, 2002).

Os alunos de Arnaud seguiram seus passos, notadamente Thierry Terret, diretor do centro de pesquisa em Lyon fundado por Arnaud, cuja lista de publicações inclui sua tese sobre a natação como um exemplo da formação de um esporte moderno (TERRET, 1994). Terret e seus colegas cobrem um leque amplo de assuntos, como as influências estrangeiras na educação física, ou a sindicalização e identidade profissional dos professores de educação física (ATTALI, 2004). Terret editou coleções com diversos volumes sobre gênero e, recentemente, uma obra de quatro volumes sobre os Jogos Olímpicos de Paris em 1924. Apoiados pela editora L'Harmattan, Arnaud e Terret criaram uma coleção de história do esporte que agora tem uma longa lista voltada principalmente para a história do esporte no âmbito pedagógico e institucional.

O extenso trabalho com fontes primárias sobre esporte e educação, notadamente a adoção de formas ginásticas de exercício, estudada por Arnaud e outros, permitiu a Ronald Hubscher, um especialista em história rural, escrever a primeira síntese em francês sobre a

história do esporte francesa. Hubscher foi ajudado por três outros autores cuja revisão baseou-se no crescente conjunto de teses de doutorado produzidas principalmente por pesquisadores em departamentos de educação física. A isso se somou o acesso privilegiado a certos arquivos do Museu Nacional do Esporte. Esse trabalho estabeleceu um mapeamento para futuras pesquisas, permitindo avançar em relação a tópicos conhecidos, como envolvimento do Estado e nacionalismo, e outros como comercialização, esporte feminino e até violência (HUBSCHER et al., 1992). Ele serviu como texto base para uma geração de novos pesquisadores, para os quais o esporte, hoje, é um objeto totalmente legítimo.

Essa nova geração, nascida nos anos 1960 e 1970, cresceu junto com a cada vez maior cobertura midiática dos esportes na França e o progresso e sucesso de atletas e equipes franceses nos anos 1980. Eles estavam convencidos a respeito do valor explicativo dos esportes, especialmente quando a Copa do Mundo de 1998 foi organizada e vencida pela França – um evento que provocou celebrações populares numa escala que alguns compararam à libertação pelos aliados em 1944 (RIOUX, 1999). O valor intelectual de se pesquisar o esporte reforçou-se ainda mais com a hegemonia adquirida pela “história cultural” na França. Pascal Ory antecipou parcialmente a questão dos esportes em um trabalho-chave sobre a Frente Popular nos anos 1930, enquanto outros dedicaram capítulos ao esporte em trabalhos coletivos, seguindo o exemplo de Jean-François Sirinelli.²¹

De uma maneira ou de outra, esse notável surto de atividade preocupou-se com o papel do Estado no esporte. O contraste com a Grã-Bretanha dificilmente poderia ser maior. Onde os franceses focaram o ensino estatal, os britânicos enfatizaram bastante a importância da educação privada. Na maioria dos casos, isto tomou a forma de estudos das “escolas públicas”, notadamente o trabalho de J.A. Mangan (1981) sobre a “ideologia do atletismo”

²¹ Ver os capítulos sobre lazer, esportes e educação física no ensaio baseado em sua tese: Ory (1994). Ver, por exemplo, o artigo de Pierre Guillaume (1992) ou o trabalho liderado por Jean-Pierre Rioux e Jean-François Sirinelli (2002).

nas “escolas públicas”, que ele via como parte de um processo amplo de produção de “masculinidade” – um ideal ético de “fair play” a serviço do darwinismo, do militarismo e do imperialismo.

Na França, o apelo à “filosofia” – às vezes usada com o sentido amplo de “teoria social” – estava profundamente enraizado e permeava muito da escrita francesa a respeito da natureza e história do esporte. “Grandes ideias” são tentadoras e fornecem um caminho para dar forma a uma complexa montanha de fontes. Além do marxismo, a principal influência teórica na história do esporte britânica tem sido o trabalho de Norbert Elias tal qual interpretado por Eric Dunning e outros no Departamento de Sociologia na Universidade de Leicester, onde Elias ensinou. Isso é o mais próximo que a Grã-Bretanha chegou de ter uma história do esporte baseada em teoria. Dunning e Sheard, em particular, trabalharam a história do rugby aplicando o conceito de Elias de “processo civilizador”. A perspectiva elisiana tinha a vantagem de fincar raízes na história da mudança psicológica e social de longa duração na Europa. O debate, contudo, se restringiu à teoria e ao contexto nacional, em vez de se abrir para o trabalho em colaboração com historiadores da Europa. Perdeu-se ali uma oportunidade. Teoria e história permaneceram em campos opostos. “Grandes ideias” e conceitos explicativos abrangentes como “controle dos afetos”, que poderiam ter sido aplicados por meio de pesquisa empírica detalhada para dar conta do esporte na Europa, foram rechaçados.

Isto levou ao foco, na França, em objetos que ainda eram considerados “a-históricos” na Grã-Bretanha, como corpo, sexualidade ou sentimentos, usando-se particularmente o trabalho feito por Michel Foucault. Como colocou de forma provocativa o historiador do vinho Gilbert Garrier (1986), era “hora de Clio adentrar os estádios”, depois de haver “visitado regularmente bordéis (...) para conhecer melhor as práticas sexuais da Antiguidade até o presente” (p. 10). A expressão mais proeminente desse novo interesse no corpo

(esportivo) apareceu no trabalho de Georges Vigarello. Sua tese analisou como o corpo humano, particularmente o da criança, era “normalizado” e guiava a ginástica ortopédica e higiênica desenvolvida na França e na Suíça no século XVIII.²² Inspirado pelos trabalhos de Georges Canguilhem (1966) e Michel Foucault (1975), Vigarello mostrou como esta racionalização sobre como usar o corpo para instilar “retidão” e “correção” se tornou o foco central das pedagogias do corpo, das restrições físicas do espartilho à incorporação moral desses princípios na educação física.

Possivelmente o trabalho mais inovador e significativo de Vigarello tenha sido seu ensaio publicado em 1988 sobre a história das técnicas esportivas, permitindo acompanhar as mudanças nos movimentos e gestos do esporte. De acordo com Vigarello (1988), um dos principais preceitos que guiaram essa evolução ou “progresso” foi o da “integração”, que identificava “uma participação crescente, das mais diferentes partes do corpo e do maior número de forças, todas buscando o mesmo objetivo” (p. 24). Para Vigarello a história do corpo no esporte estava ligada à história da medicina e da tecnologia; ele via o esporte como “práticas corporais normalizadas”. Ele também coeditou parte da recente história do corpo em três volumes, sob a direção geral de Alain Corbin, possivelmente o principal historiador cultural da França.²³

Através do “corpo”, a história do esporte adentrou o círculo encantado da vida intelectual francesa. Embora Foucault tenha sido bastante influente – e muitas vezes usado acriticamente –, Pierre Bourdieu foi tão ou mais importante. Os conceitos de *habitus* e *distinção* foram aplicados ao esporte pela primeira vez pelo próprio Bourdieu (1984), em 1978. Considerando “todas as práticas e consumo de esportes disponíveis aos atores sociais (...) como uma oferta com o objetivo de atender uma certa demanda social”, Bourdieu

²² Tese publicada sob o título *Le corps redressé: histoire d'un pouvoir pédagogique* (VIGARELLO, 1978).

²³ Corbin, Courtine, Vigarello (2005), especialmente volume 2, p. 313-378.

levantou duas questões fundamentais sobre os esportes. A primeira, sobre a formação de um “espaço produtivo com sua própria lógica e sua própria história, no qual ‘produtos esportivos’ são fabricados”. Em outras palavras, ele questionou o efetivo grau de autonomia de um mundo esportivo que proclamava aos quatro ventos sua “independência”. A segunda questão concerne “as condições sociais de (...) apropriação de diferentes ‘produtos esportivos’”. Para Bourdieu, a resposta era clara. A prática de diferentes esportes “depende, em extensões que variam de modalidade para modalidade, do capital econômico e, secundariamente, do capital cultural envolvido, assim como do tempo livre disponível”; o envolvimento com o esporte não é um ato gratuito ou sem fundamento, mas fortemente determinado pelos “benefícios (...) que diferentes esportes parecem oferecer” (BOURDIEU, 1984, p. 192).

Jacques Defrance (1987) foi o primeiro a escrever uma tese de doutorado relacionada ao esporte sob orientação de Bourdieu, em 1978. O tema era o desenvolvimento da ginástica na França. De acordo com Defrance, criou-se um espaço no qual a prática de cultura física diferenciou-se do escopo dos chamados exercícios “ginásticos”. De um lado, estava a ginástica do soldado comum de infantaria; de outro, a esgrima ou equitação do oficial de artilharia ou cavalaria; similarmente, nas escolas havia uma diferença entre os esportes atléticos dos jovens burgueses “*fin de siècle*” e a entediante ginástica de origem sueca (Per Henrik Ling), imposta massivamente às crianças nas escolas estatais.

Essa abordagem inclui um senso de mudança ao longo do tempo que favorece uma perspectiva histórica frouxa. Isto é perceptível na muito debatida análise de Christian Pociello (1983) sobre o rugby francês e sua distribuição geográfica distintiva em torno de Paris e no sudoeste. Ele enfatiza o paradoxo de um esporte que simultaneamente une e divide e reivindica que o conceito de *habitus* é fundamental na divisão de trabalho inerente ao jogo. Aqui ele distingue entre os atacantes (especialmente a primeira e segunda linhas) e os

defensores. No primeiro grupo, os princípios de força, contato e domínio de uma sólida técnica de segurar a bola eram os elementos básicos não apenas de sua cultura esportiva, mas também de sua cultura profissional. A maioria desses jogadores era de origem camponesa ou de classe operária e exercia um trabalho manual. No segundo grupo, o que contava era a relação entre velocidade e habilidade. Assim como ações evasivas e passes longos, eles tinham um conjunto de percepções e técnicas corporais que requeriam uma visão muito mais abstrata de espaço e uma certa distância dos corpos dos companheiros de time e dos adversários. Isso foi considerado próximo da cultura ou *habitus* burguês característicos dos estudantes, executivos ou professores de educação física que tendiam a jogar nestas posições. O problema, porém – comum a muitas argumentações sociológicas abstratas que usam a história de maneira ilustrativa –, é a falta de estudos de caso com pesquisa empírica aprofundada que possam sustentar tais afirmações gerais. Com frequência, o leitor fica a pensar se, na verdade, o exercício é para ver se a análise histórica funciona na teoria, e não na prática.

Os novos estudiosos dos esportes na França, portanto, se deparam com uma literatura que está dividida de forma solta entre uma história empírica das instituições e uma história mais conceitual do corpo. Mesmo se a atual história dos esportes parece ser composta por duas “escolas” de pesquisadores, uma oriunda da tradição da educação física e outra da história, a produção sobre o tema atingiu um patamar notável (TÉTART, 2007a, p. 441). De acordo com o cálculo de Philip Tetart, a publicação de pesquisas acadêmicas dobrou entre 1995 e 2004, atingindo uma média de 98 itens por ano entre 2000 e 2004. O objeto agora tem visibilidade e legitimidade de fato. Dietschy e Patrick Clastres (2006) recentemente escreveram uma síntese baseada nos trabalhos publicados sobre o esporte francês moderno nos últimos 30 anos. Pontes entre as duas “escolas” são evidentes nos dois grandes volumes

organizados por Philippe Tétart (2007b), que, combinados, fornecem um panorama impressionante. Muito foi feito, mas ainda há muito a fazer, notadamente em torno de temas como a história dos torcedores esportivos, dos jornalistas, e a história econômica do esporte, particularmente a dos equipamentos esportivos.

Conclusão

Há essencialmente duas formas de abordar a história do esporte na Europa: ou traçando uma “teoria” e aplicando-a através das fronteiras geográficas; ou através do “método” comparativo, explorando similaridades e diferenças entre dois ou mais casos, por meio de trabalho empírico cuidadoso. De fato, houve pouco de um e de outro. O particular triunfou sobre o geral; o local e o nacional dominaram as dimensões comparativa e europeia. Com raras exceções, a escrita da narrativa nacional tomou a frente da construção de trabalhos “macro”. Em vez de olhar como as nações europeias em processo de industrialização criaram formas esportivas semelhantes – o que poderia permitir enxergar a existência de pontos em comum –, os historiadores do esporte instintivamente adotaram a agenda familiar de suas próprias histórias nacionais.

“Esporte” é um fenômeno tão diverso – ou um aglomerado de fenômenos – e a Europa, tão variada, que a abordagem “teórica” tem um apelo óbvio, estreitando um assunto vasto em um conceito operável. O “corpo” é uma forma de fazê-lo; grandes ideias interpretativas são outra. Projetos amplos foram realizados, notadamente por Allen Guttman, com base no desenvolvimento de um quadro geral weberiano para o esporte em seu trabalho bastante conhecido, *From Ritual do Record*, de 1978. Não é difícil imaginar como tal abordagem poderia ser aplicada através do continente, olhando-se o crescimento de estruturas administrativas e da racionalidade científica. Surpreendentemente, há pouca história

administrativa do esporte olhando em detalhes por que e quando federações nacionais, ligas e outras estruturas administrativas foram formadas e como operaram. “Racionalidade científica” e registro de recordes são certamente parte da história do esporte moderno – a história do que mudou –, mas tais olhares “de cima para baixo” vão apenas até aí.

Lado a lado com esse aspecto, precisa haver a visão “de baixo para cima” do participante ordinário. Quais foram as motivações comuns? Por que tantas pessoas, de diferentes nacionalidades e vinculações étnicas, abraçaram os esportes modernos aproximadamente na mesma época? A maioria dos participantes não foi obrigada a tomar parte nessas novas estruturas esportivas racionais. Quais foram seus motivos? Como eles vivenciaram o esporte? A maioria dos esportes são jogados por times e fruídos em clubes. Cultura jovem, sociabilidade e rituais de masculinidade ocupam um lugar significativo no esporte “moderno”, assim como faziam nas festividades “tradicionais”. Aqui o conceito de “anomia” de Durkheim é mais útil que Weber ou Marx em termos de compreender o esporte como uma resposta de escala europeia a problemas de isolamento e solidariedade em sociedades em modernização. Similarmente, os esforços de Elias e seus seguidores para juntar história e sociologia não deveriam ser descartados simplesmente porque o “processo civilizador”, como uma “teoria”, é problemático. Uma suavização das maneiras e uma maior disposição de impor autocontrole pode ser uma das muitas formas de identificar elementos comuns do esporte europeu. Dado o interesse de Elias pela evolução do Estado e pela história dos costumes na Europa, é surpreendente que muito do trabalho sobre esporte feito por seus seguidores tenha focado a Grã-Bretanha. Similarmente, como vimos, a influência de teóricos sociais férteis como Foucault e Bourdieu em grande medida tem ficado restrita a estudos nacionais da França, em vez de ser aplicadas de forma mais ampla.

Existe uma falta de trabalho conceitual que consiga juntar um leque de conceitos

organizadores de uma maneira que possa ajudar o historiador, que fica confuso ao saber se uma abordagem é melhor que outra. Mais ainda – e isso é importantíssimo – a mera asserção de conceitos ou teorias em si mesmos é redundante como ferramenta explicativa. É apenas através da elaboração empírica de termos abstratos que qualquer explicação genuína pode ocorrer. Isto é o que torna, por exemplo, o trabalho de Vigarello tão forte. Conceitos como disciplina do corpo ou função do corpo, que, em outros trabalhos, poderiam ser simplesmente asseridos, são destrinchados e aperfeiçoados ou detalhados ao longo do caminho. “Ideias” férteis, em vez de “conceitos”, especialmente quando se transformam em “teorias”, parecem a melhor maneira de proceder, e uma história do corpo esportivo europeu nessa linha é um projeto realista.

Mudando para a abordagem comparativa, em oposição à conceitual, essa revisão de trabalhos na Grã-Bretanha e França revela temas distintos que poderiam ser aplicados em nível mais amplo, europeu. Um caso discutido foi o de “classe” – num senso descritivo, e não no marxista prescritivo – como uma ferramenta explicativa, usando o exemplo britânico como um modelo para as divisões comuns de cultura de elite e popular através das fronteiras e ao longo do tempo. A relação entre esporte e identidade, que também emergiu do caso britânico, foi um traço comum do esporte europeu. Contudo, no caso britânico o esporte foi importante para a expressão de sub-nacionalidades culturais. Na França, ele esteve crescentemente ligado à ideia de Estado-nação, embora não na mesma extensão ou com a mesma estridência que na Itália ou Alemanha fascistas. O Estado é claramente central para a compreensão do esporte europeu, embora não para a do esporte britânico. O papel ativo do esporte na educação em massa, para promover a saúde e instilar obediência, que foi tão evidente na França, é largamente aplicável pela Europa. Da mesma forma que o papel da religião organizada, notadamente a Igreja Católica, que desenvolveu estruturas europeias próprias para promover

o esporte no entreguerras.

Distinguir o que é comum à pesquisa na Grã-Bretanha e na França e o que não é ajuda a identificar temas afins que possam ser trabalhados em nível europeu. Olhando comparativamente a pesquisa em história do esporte na Grã-Bretanha e na França, percebe-se nitidamente um problema da história do esporte na Europa. A pesquisa tem sido organizada de muitas formas diferentes, em países diferentes e períodos idem. Consequentemente, há notáveis lacunas na literatura – a história da imprensa esportiva, por exemplo –, enquanto outros tópicos como as origens da ginástica na França ou do futebol na Inglaterra agora estão bem cobertos. O desafio para um novo tipo de história dos esportes europeia será encontrar uma forma de transcender a nação fazendo um uso mais imaginativo e crítico de conceitos (no sentido de ideias férteis), assim como os temas principais que emergem de uma análise comparativa do trabalho empírico produzido na última geração.

A França pode ter chegado um pouco mais tarde à história dos esportes, mas o volume de publicações recentes é notável. A pesquisa recente de Kay Schiller e Christopher Young (2009) sobre história dos esportes na Alemanha revela um conjunto semelhante de esforços. Quando combinados com a literatura estabelecida na Grã-Bretanha e um substancial corpo de trabalhos sobre a Itália, Escandinávia e Benelux, os materiais necessários para a escrita de uma grande síntese do esporte na Europa estão finalmente tomando forma. Embora esta comparação da história do esportes na Grã-Bretanha e na França tenha revelado diferenças nas metodologias e temas, há terreno comum em termos da aceitação, por historiadores *mainstream* de ambos os lados do Canal, do esporte como parte integrante da História. O desafio é encontrar temas comuns em torno dos quais se possa desenvolver uma síntese europeia baseada nesta montanha de material nacional.

Referências bibliográficas

ARCHAMBAULT, Fabien. *Le Contrôle du Ballon. Les Catholiques, Les Communistes et Le Football en Italie, de 1943 au Tournant des Années 1980*. 2007. Tese (Doutorado) – Université de Grenoble, 2007.

ARNAUD, Pierre. *Le Militaire, le gymnaste et l'écolier: naissance de l'éducation physique en France 1869-1889*. Lyon: PUL, 1991.

ARNAUD, Pierre (ed.). *Les athlètes de la République: gymnastique, sport et idéologie républicaine, 1870/1914*; Toulouse, Fr.: Privat, 1987.

ARNAUD, Pierre; WAHL, Arnaud (ed.). *Sports et relations internationales*. Metz, Fr.: Centre de Recherche Histoire et Civilisation de l'Europe Occidentale, 1994.

ARNAUD, Pierre (ed.). *Les origines du sport ouvrier en Europe*. Paris: L'Harmattan, 1994.

ARNAUD, Pierre (ed.). *Le Sport et les Français pendant l'Occupation 1940-1944*, 2 vols. Paris: L'Harmattan, 2002.

ATTALI, Michaël. *Le syndicalisme des enseignants d'éducation physique 1945-1981*. Paris: L'Harmattan, 2004.

BANCEL, Nicolas; GAYMAN, Jean-Claude. *Du Guerrier à l'athlète: éléments d'histoire des pratiques corporelles*. Paris: Presses Universitaires de France, 2002.

BOEUF, Jean-Luc Le; LEONARD, Yves. *La République du Tour de France, 1903-2003*. Paris: Le Seuil, 2003.

BOLI, Claude. *Manchester United, l'invention d'un club: deux siècles de métamorphose*. Paris: La Martinière, 2004.

BOLZ, Daphné. *Les arenès totalitaires: Hitler, Mussolini et les jeux du stade*. Paris: CNRS Editions, 2008.

BORSAY, Peter. *A History of Leisure: The British Experience since 1500*. London: Palgrave, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *Questions de sociologie*. Paris: Éditions de Minuit, 1984.

BREUIL, Xavier. *Femmes, Culture et Politique: Histoire du Football Féminin en Europe de la Grande Guerre Jusqu'à Nos Jours*. 2007. Tese (Doutorado) – Université de Metz, 2007.

BURKE, Peter. The Invention of Leisure in Early Modern Europe. *Past and Present*, n. 146, p. 136-150, 1995.

CANGUILHEM, Georges. *Le normal et le pathologique*. Paris: PUF, 1966.

CLASTRES, Patrick. Inventer une élite. Pierre de Coubertin et la chevalerie sportive. *Revue française d'histoire des idées politiques*, n. 22, p. 275-296, 2005.

CLASTRES, Patrick, DIESTCHY, Paul (ed.). *Paume et tennis en France XVème-XXème Siècles*. Paris : Nouveau Monde éditions, 2009.

COLLINS, Tony. *Rugby's Great Split: Class, Culture and the Origins of Rugby League Football*. London: Cass, 1998.

COLLINS, Tony. *Rugby League in Twentieth Century Britain*. London: Routledge, 2006.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (ed.). *Histoire du corps*, 3 vols. Paris: Seuil, 2005.

CRONIN, Mike. *Sport and Nationalism in Ireland*. Dublin: Four Courts, 1998.

DARBON, Sébastien. *Diffusion des sports et impérialisme anglo-saxon, de l'histoire événementielle à l'anthropologie*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 2008.

DEFRANCE, Jacques. *L'excellence corporelle: la formation des activités physiques et sportives modernes 1770-1914*. Rennes, Fr.: Presses universitaires de Rennes, 1987.

DEVILLE-DANTHU, Bernadette. *Le Sport en noir et blanc: du sport colonial au sport africain dans les anciens territoires français d'Afrique Occidentale (1920-1965)*. Paris: L'Harmattan, 1997,

DIETSCHY, Paul. *Football et Société à Turin 1920-1960*. 2006. Tese (Doutorado) – Université de Lyon II, Lyon, 1997.

DIETSCHY, Paul; CLASTRES, Patrick. *Sport, société et culture en France du XIXème siècle à nos jours*. Paris: Hachette, 2006.

DINE, Philip. *French Rugby: A Cultural History*. Oxford: Berg, 1998.

DUROSELLE, Jean-Baptiste. *Politique étrangère de la France: la décadence 1932-1939*. Paris: Imprimerie Nationale, 1979.

FONTAINE, Marion. Les 'Gueules Noires' et Leur Club: Sport, Sociabilité et Politique à 'Lens les Mines' 1934-1956. 2006. Tese (Doutorado) – École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Surveiller et punir*. Paris: Gallimard, 1975.

GARRIER, Gilbert. Introduction. In: ARNAUD, Pierre; CAMY, Jean (ed.). *La naissance du mouvement sportif associatif en France*. Paris: Presses Universitaires de Lyon, 1986.

GUHA, Ramchandra. *A Corner of a Foreign Field*. London: Picador, 2002.

GUILLAUME, Pierre. L'hygiène et le corps. In: SIRINELLI, Jean-François (ed.). *Histoire des droites en France*, Tome 3 (Sensibilités). Paris: Gallimard, 1992. p. 509-564.

HARGREAVES, John. *Sport, Power and Culture: A Social and Historical Analysis of Popular Sports in Britain*. Cambridge: Polity, 1986.

HILL, Jeffrey. British Sports History: A Post-modern Future?. *Journal of Sport History*, n. 23 p. 1-19, 1996.

HILL, Jeffrey; WILLIAMS, Jack (ed.). *Sport and Identity in the North of England*. Keele, U.K.: Keele University Press, 1996.

HOLT, Richard. *Sport and Society in Modern France*. London: Macmillan, 1981.

HOLT, Richard (ed.). *Sport and the Working Class in Modern Britain*. Manchester, U.K.: Manchester University Press, 1991.

HOLT, Richard. Contrasting Nationalisms: Sport, Militarism and the Unitary State in Britain and France, 1880-1914. *International Journal of the History of Sport*, n. 12, p. 39-54, 1995.

HOLT, Richard. Sport and History: The State of the Subject in Britain. *Twentieth Century British History*, n. 7, p. 231-252, 1996.

HUBSCHER, Ronald; DURRY, Jean; JEU, Bernard; GARRIER, Gilbert. *L'histoire en mouvements: le sport dans la société française (XIXe-XXe siècle)*. Paris: Armand Colin, 1992.

JARVIE, Grant; WALKER, Graham (ed.). *Scottish Sport in the Making of the Nation: Ninety-Minute Patriots?* Leicester, U.K.: Leicester University Press, 1994.

JOHNES, Martin. *Soccer and Society in South Wales, 1900-1939*. Cardiff: University of Wales Press, 2002.

JOHNES, Martin. *The History of Sport in Wales*. Cardiff: University of Wales Press, 2005.

JOHNES, Martin. Pigeon Racing and Working-class Culture in Britain, c. 1850-1950. *Cultural and Social History*, n. 4, p. 361-383, 2007.

JOHNES, Martin. British Sport History: The Present and the Future. *Journal of Sport History*, n. 35, p. 65-71, 2008.

JONES, Stephen G. *Sport, Politics and the Working-Class: Organised Labour and Sport in Interwar Britain*. Manchester, U.K.: Manchester University Press, 1988.

KORR, Charles. *West Ham United: The Making of a Football Club*. London: Duckworth, 1986.

MANGAN, J. A. *Athleticism in the Victorian and Edwardian Public School: The Emergence and Consolidation of an Educational Ideology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

MANGAN, J.A. *The Games Ethic and Imperialism: Aspects of the Diffusion of an Ideal*. Harmondsworth, U.K.: Viking, 1986.

MARFANY, Jean-Louis; BURKE, Peter. The Invention of Leisure in Early Modern Europe: Comment. *Past and Present*, n. 156, p. 174-197, 1997.

MASON, Tony. *Association Football and English Society, 1863-1915*. Brighton, U.K.: Harvester, 1980.

MCKIBBIN, Ross. *Ideologies of Class*. Oxford: Oxford University Press, 1991.

MCKIBBIN, Ross. *Classes and Cultures: England 1918-1951*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

METCALFE, Alan. *Leisure and Recreation in a Victorian Mining Community*. London: Routledge, 2005.

ORY, Pascal. *La Belle illusion: culture et politique sous le signe du Front Populaire 1935-1938*. Paris: Plon, 1994.

POCIELLO, Christian. *Le rugby ou la guerre des styles*. Paris: Métailié, 1983.

RIESS, Steve. From Pitch to Putt: Sport and Class in Anglo-American Sport. *Journal of Sport History*, n. 21, p. 138-184, 1994.

RIOUX, Jean-Pierre. L'Échappée Bleue. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (ed.). *La France d'un siècle à l'autre 1914-2000*. Paris: Hachette, 1999. p. 118-122.

RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *La culture de masse en France de la Belle Époque à aujourd'hui*. Paris: Fayard, 2002.

RUSSELL, Dave. *Football and the English: A Social History of Association Football in England 1863-1995*. Preston, U.K.: Carnegie, 1997.

SCHILLER, Kay; YOUNG, Christopher. The History and Historiography of Sport in Germany; Social, Cultural and Political Perspectives. *German History*, n. 27, p. 313-330, 2009.

SMITH, Adrian; PORTER, Dilwyn (ed.). *Sport and National Identity in the Post-War World*. London: Routledge, 2004.

SMITH, David; WILLIAMS, Gareth. *Fields of Praise: The Official History of the Welsh Rugby Union*. Cardiff: University of Wales Press, 1980.

SPIVAK, Marcel. *Education Physique, Sport et Nationalisme en France du Second Empire au Front Populaire: Un Aspect Original de la Défense Nationale*. 1983. Tese (Doutorado) – Université Paris-I, 1983.

TAYLOR, Matthew. *The Leaguers: The Making of Professional Football in England 1900-1939*. Liverpool, U.K.: Liverpool University Press, 2005.

TERRET, Thierry. *Naissance et diffusion de la natation sportive*. Paris: L'Harmattan, 1994.

TÉTART, Philippe (ed.). *Histoire du sport en France de la Libération à nos jours*. Paris: Vuibert, 2007a.

TÉTART, Philippe (ed.). *Histoire du sport en France du Second Empire au régime de Vichy*. Paris: Vuibert, 2007b.

THIBAUT, Jacques. *L'Influence du mouvement sportif sur l'évolution de l'éducation physique dans l'enseignement secondaire français: étude historique et critique*, 2nd ed. Paris: Vrin, 1979.

THOMAS, Keith. Work and Leisure in Pre-industrial Society. *Past and Present*, n. 29, p. 50-66, 1964.

THOMPSON, Christopher. *The Tour de France: A Cultural History*. Berkeley: University of California Press, 2006.

VAMPLEW, Wray. *Pay Up and Play the Game: Professional Sport in Britain, 1875-1914*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

VIGARELLO, Georges. *Le corps redressé: histoire d'un pouvoir pédagogique*. Paris: Delarge, 1978.

VIGARELLO, Georges. *Une histoire culturelle du sport: techniques d'hier et d'aujourd'hui*. Paris: Revue EPS et Robert Laffont, 1988.

VIGARELLO, Georges. Le Tour de France. In: NORA, Pierre (ed.). *Les Lieux de mémoire*, vol. 3, Les France: Traditions. Paris: Gallimard, 1992. p. 885-925.

VIVIER, Christian; LOUDCHER, Jean-François (ed.). *Le sport dans la ville*. Paris: L'Harmattan, 1998.

WAHL, Alfred. *Les archives du football: sport et société en France, 1880-1980*. Paris: Gallimard/Julliard, 1989.

WAHL, Alfred; LANFRANCHI, Pierre. *Les Footballeurs professionnels des années trente à nos jours*. Paris: Hachette, 1995.

WEBER, Eugen. Gymnastics and Sports in Fin-de-Siècle France: Opium of the Classes? *American Historical Review*, n. 76, p. 70-98, 1971.

WILLIAMS, Jack. *Cricket and England: A Cultural and Social History of the Inter-war Years*. London: Cass, 1999.

WILLIAMS, Jack; HUGGINS, Mike. *Sport and the English*. London: Routledge, 2006.

ZELDIN, Theodore. France, 1848-1945, vol. 2, Intellect, Taste and Anxiety. *Oxford History of Modern Europe*. Oxford: Oxford University Press, 1977.